

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2467

DIÁRIO DA MANHÃ

A expansão do pensamento através do livro

Vivemos no século da aproximação espiritual e material dos povos. A telegrafia, a radiotelefonia levam, em alguns segundos, aos recantos mais ignorados as mais extensas notícias. A rapidez dos transportes marítimos, terrestres e agora os aéreos, leva através dos continentes, em velocidades inconcebíveis para nossos avós, mercadorias e passageiros. A dificuldade da distância que tanto separava os povos na antiguidade, tornando raras e frouxas as suas relações, vai a caminho de uma solução cada vez mais perfeita. O indivíduo que, na nossa época, vive a milhares de léguas, em New-York ou Washington, quase respira o ambiente da Europa que lhe é transportado, pela radiotelefonia em ondas invisíveis, pelos scélères transatlânticos e ultimamente pelos aviões e dirigíveis.

Está hoje o habitante da América mais próximo do habitante de Calcutá, do que há cem anos o de Faro do Caminha ou Ponte do Lima.

E' certo que, por conveniência da classe capitalista, a rapidez e espontaneidade das relações entre os povos ainda se opõe a barreira das fronteiras. Mas o progresso científico ri-se das velhas teorias dos homens, os aviões e as ondas hertzianas passam por cima das barreiras mais altas envolvendo o globo num grande abraço fraterno.

Assim, como antigamente, os povos fixavam na pedra o seu gênio artístico e o seu pensamento mais elevado, as suas emoções estéticas e os seus anseios de perfeição, hoje, época da imprensa, o livro substitui a pedra e sobreleva-a em vantagens, porque, leve e portátil, vôle de continente em continente, como ave luminosa riscando o horizonte negro da ignorância. Pelo livro, pela

sua produção literária e científica, se conhece o estado de adiantamento dos povos, como na antiguidade se conhecia pela beleza monumental dos seus templos ou das suas moradias. Quanto mais fácil fôr o transporte do livro, tanto mais probabilidades um povo tem de mostrar aos outros povos o que vale pela sua mentalidade, pelo seu espírito, e tanto mais probabilidades tem de conhecer a mentalidade dos outros e aprender com ela e tornar-se mais culto, mais civilizado.

Assim como um país não pode viver sem os transportes que lhe trazem os alimentos que não produz e leva para onde há falta os produtos que tem a mais, também o seu espírito não pode alimentar-se sem receber a influência do espírito exótico.

Ora, em Portugal, a pesar das boas teorias apregoadas no Congresso de Estocolmo pelo delegado português, o facto lamentável é que o transporte de livros, jornais e revistas para o estrangeiro, para o Brasil principalmente, onde encontramos tantas afinidades, continua a ser um peso incompatível com os nossos recursos económicos. As taxas postais são caríssimas. Se bem que o livro e o jornal devesssem gozar do privilégio de ser transportados gratuitamente, parecem-nos, entretanto, que a redução das taxas para um terço do seu custo, pelo menos, longe de ser um favor que nós tivéssemos de agradecer, é um direito que, em nome da solidariedade universal e da livre expansão do pensamento, nobremente reclamamos.

Não podemos permanecer, como até aqui, no mais atroz isolamento do resto do mundo, sem que contra esse facto nos rebelemos.

Notas & Comentários

Dia santo

Novidades andou ontem radiante, tão radiante que nos mostrou duas linotypes que tem lá em casa, como os maquinismos não fossem invenções do demônio. O órgão da "boa imprensa", impresso em caracteres que foram outrora duramente excomungados por ministros de Deus, completava ontem três anos. O motivo da alegria de Novidades — e também o pretexto para que nós, desajudados de todos os santos e sempre reverentes para com todas as boas almas de Satanás, cumprimentamos o colega católico, embora a nossa saudade não venha a figurar em primeira plana... (H.)

Radiotelegrafia

Lisboa ficou desde ontem ligada directamente a Londres, pela radiotelegrafia. É este um facto que merece um registo especial no noticiário dos jornais, não só pela importância que para a sua informação tem, como pelo desenvolvimento que ele vem dar às relações internacionais.

A guerra civil na China

XANGAI, 15.—Agravou-se dia a dia a situação de Xangai, em consequência do avanço das tropas de Cantão, cujas vanguardas estão já a 12 milhas da capital da província de Chakiang, Hangzhou, o terminal do caminho de ferro de Xangai. (L.)

Encontrou-se a escritora inglesa Agatha Christie

LONDRES, 15.—Foi já encontrada a escritora Agatha Christie. Estava em Haragote, no condado de York.

O dono do hotel em que se alojava, vendo nos jornais o retrato da desaparecida, preveniu a polícia, junto da qual a identificação foi feita pelo coronel Christie.

Parce provado que a esposa do coronel sofre de amnésia, Agatha Christie regressou ao seu lar. (L.)

QUESTÕES HOSPITALARES

Nos concursos para os lugares de enfermeiros de 1.ª classe, de sub-chefes e chefes de enfermeiros registaram-se graves anomalias que comprometem a Escola Profissional de Enfermagem

A Escola Profissional de Enfermagem é uma instituição credora do respeito e admiração dos que se interessam pelos problemas pedagógicos. Criada por Curry Cabral, quando este distinto médico foi enfermeiro-mor do hospital de S. José tem esta escola formado o admirável corpo de enfermeiros que nos hospitais faz serviço.

Antes da fundação deste modelo instituto de educação profissional, o enfermeiro-reunião aquele cabedal de conhecimentos técnicos, nem aquelas noções elementares que hoje um simples praticante já possui.

O enfermeiro nesse tempo era recrutado entre o pessoal menor, e só ao cabo de longa prática conseguia ser um verdadeiro auxiliar do médico e um autêntico assistente do enfermo.

Depois da fundação da escola de Enfermagem o caso mudou de aspecto. A nomeação do pessoal definitivo dos quadros dos hospitais civis de Lisboa só se faz quando o candidato apresente diplomas passados pela Escola em que se atesta as suas habilitações.

O curso da Escola de Enfermagem é de três anos: dois considerados de curso geral e um de curso complementar. O curso geral habilita à entrada no quadro de enfermagem, e o curso complementar é exigido para efeitos de nomeação de enfermeiro-chefe.

Completado este curso o candidato fica com direito a ingressar nos quadros, mas há sempre, em todos os casos, um mesmo pessoal hospitalar é constituído por pessoal definitivo e temporário, e só é considerado definitivo quando fôr promovido a enfermeiro de 2.ª classe ou postos seguintes. Enquanto não atingir essa craveira hierárquica é considerado pessoal temporário e a sua categoria é de praticantes no período escolar e no post-escolar.

Porém as promoções a enfermeiro de 1.ª classe, a enfermeiro sub-chefe ou a enfermeiro-chefe são feitas metade por antigüidade, e metade, por concurso de provas práticas, prestadas na Escola de Enfermagem, tendo-se em conta, além do valor das provas, os serviços prestados, idoneidade moral e as habilidades especiais de cada concorrente. O juri do concurso, reza o decreto n.º 4.563 de 9 de Julho de 1918, da autoria do dr. Lobo Alves, que é válido por um ano, é constituído pelo director da Escola Profissional de Enfermagem e dois clínicos, um de cirurgia e outro de medicina, nomeados pela direcção dos Hospitais Civis de Lisboa.

Ora, para não se chegar a esta incongruência parece-nos que haveria uma forma: os concorrentes seriam classificados pela ordem natural de valores. Não existir esse estúpido princípio das exclusões, visto ele negar a Escola valor pedagógico.

No capítulo apuramento de valores morais e não técnicos encontramos os seguintes: os concorrentes foram desclassificados os concorrentes que tivessem cometido faltas disciplinares dentro dos hospitais. Só quem não conhece a mecânica da vida hospitalar pode crer no exemplar comportamento de um empregado.

Conhecemos alguns dêles, de irrepreensível linha de conduta moral, que têm na sua folha de serviços leves castigos que, todavia, lhes aferem o direito aos concursos a que nos referimos.

Entendemos, por isso, que se os concorrentes eram para apurar valores técnicos nada justificaria a idoneidade moral do concorrente. Para isso lá está o regulamento disciplinar dos hospitais.

Mas segundo as informações que colhemos, cuja autenticidade nos é garantida, verificaram-se graves anomalias nesses concorrentes e da parte dos ilustres professores da escola não houve a devida isenção. Oxalá que assim não fosse, para não termos que referir-nos a um facto que não lustra a escola nem os seus distintos professores, no número dos quais se encontra um com quem o autor destas linhas mantém as mais cordais relações de amizade.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.510, de 7 de Maio de 1919, e respectivo regulamento publicado no Diário Oficial, de 20 de Maio, que nos

assegura que os direitos que desejam adquirir quantidades de 50 por cento em paquetes de 50 folhetos.

Devolvem à Administração de *A Batalha*

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.510, de 7 de Maio de 1919, e respectivo regulamento publicado no Diário Oficial, de 20 de Maio, que nos

assegura que os direitos que desejam adquirir quantidades de 50 por cento em paquetes de 50 folhetos.

Devolvem à Administração de *A Batalha*

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUINTA FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1926

ATRÁVEZ DE ÁFRICA

A caminho dos grandes planaltos

Observa-se como os europeus enriquecem com a agricultura dos indígenas e sabe-se do preço de cem libras por um par de cornos

localidade de 70 quilómetros por estas magníficas estradas do sertão.

O carro não anda, vôle; e as arvores, as florestas derrubadas, os quimbos dos pretos, tudo corre sob os meus olhos numa maravilhosa sensação de film. Uma hora é tal de jornada, e nesta altura pequena terra-pague, o carro enterra-se, e enquanto vinte negros possantes acodem do mato, sigo a pé durante uma boa hora, até ao Camaque, um sítio pitoresco onde pulam bandos de macacos, e há bonitos milheiros ao redor dos quimbos. O sítio é populoso, não cesam de passar carregadores negros, em fila indiana, de varas sobre os homens a sustentar a carga, saíndo humildemente o branco; pelas portas das suas tícas moradias, mulheres e rapazes accorrem-se em redor das brasas, fumando, em sociedade, por enorme cachimbo feito de cabaça, chamado mutôpa.

Outra vez o automóvel, outra vez a velocidade dumha enorme planície, região de muita poeira, chamada a anhara do Bul-Bul, começando então a ver-se milhos e trilhas nos subúrbios do Bié—outra povoação importante que hoje se chama Silva Porto, em homenagem ao sertanejo que aqui se suicidou em 1890, e que tem uma pequena e gloriosa história, com aspectos inéditos, que, mais a propósito, devo contar. Chegamos à noite a Camacape, onde é o término da linha em exploração, embora a construção já vá adiantada para além Quanza, e aqui termina o percurso em caminho de ferro, qualquer coisa como um passeio de 702 quilómetros. Era domingo, a povoação quedava-se em sossego, dinâmica aliada pelos enormes relâmpagos que ziguezagueavam sobre a planície; após o jantar, tombado de fadiga, adormeci ao som dos estrondosos batentes que soavam das bandas de Sembá e Imbande.

Dois dias

em Camacape aguardo o automóvel que me levará até às terras da Lunda e Moçambique. Esta povoação de Camacape é pequena e recente, rapidamente formada pela passagem do caminho de ferro e quase exclusivamente sustentada com a rudimentar agricultura indígena — um pouco de milho das lavras vizinhas, alguma cera que vem de longe, do interior das guineias, e tudo isto movimentado pelo pequeno comércio europeu, e estimulado pela presença das autoridades e funcionalismo.

Não há nem se procuram aqui distrações, pesa sobre a povoação aquele silêncio triste e desolador de algumas aldeias alienadas, e eu passaria aqui horas de cruel aborrecimento se não me entrevisse a observar alguns aspectos da paisagem, constantemente animada pela chegada de grandes filas de carregadores negros, cheirando a mato, semi-nus, apenas cobertos de peles bravas, toda uma estrutura selvagem e primitiva, agarados às suas varas, trapos, bugigangas e cabacas, formando pequenos arraiais, deitados no chão em frente às lojas onde accampam para a permuta, elas e elas de corpos tatuados, estranhos penteados a riscas, besuntados de óleos, barros gordurosos e matérias vermelhas, mostrando pelo branco um misto de adoração, desconfiança e terror.

E' esta gente, de aspecto pitoresco e miserável, quem sustenta o comércio com a mercadoria que lhe traz para venda ou permuta; quem anima as receitas do Estado com imposto indígena que quase sempre é minúsculo fomento europeu fornecendo a mão de obra para a abertura das estradas, para o labor das grandes e pequenas empresas e serventias dos particulares.

Mas não seria possível a florescência das grandes tentativas agrícolas nestas várzeas enormes onde pouca mais vejo da que sejam de capim.

— Que sim! — dizem-me várias pessoas que se têm feito experiências animadoras, pequenas searas de trigo que têm dado média de 10 a 15 sementes, e em certas circunstâncias, algumas regiões do planalto, 20, 30 e mais. Mas tudo isso muito contingente, muito irregular, exigindo tal soma de sacrifícios e dinheiro que tornam impossível a pequena agricultura. O dr. Piçarra, médico que aqui exerce a sua profissão com grande probabilidade, alentejano com costela de lavrador, só vê solução nas grandes alfaias, na maquinaria moderna e na constituição dos sindicatos com o crédito agrícola respectivo. Mas serão possíveis esses sindicatos?

— Que sim! — dizem-me várias pessoas que se têm feito experiências animadoras, pequenas searas de trigo que têm dado média de 10 a 15 sementes, e em certas circunstâncias, algumas regiões do planalto, 20, 30 e mais. Mas tudo isso muito contingente, muito irregular, exigindo tal soma de sacrifícios e dinheiro que tornam impossível a pequena agricultura. O dr. Piçarra, médico que aqui exerce a sua profissão com grande probabilidade, alentejano com costela de lavrador, só vê solução nas grandes alfaias, na maquinaria moderna e na constituição dos sindicatos com o crédito agrícola respectivo. Mas serão possíveis esses sindicatos?

Passam os dois dias, e uma bela manhã chega o carro que me transporta numa ve-

* * *

As primeiras horas da tarde chegamos à Chindimba pequeno povoado sertanejo onde nos aguardava o almoço e a franca amabilidade do capitão Aleixo, figura curiosa de velho colono e bom português a quem prestos e brancos estimam.

Chindimba é uma palma que quer significar «terra de leão»; e como aqui passamos um dia e uma noite, interrompemos agora a narrativa para a crónica seguinte termos que contar.

Julião QUINTINHA

Lêde o Suplemento de *A Batalha*

O ESCÂNDALO DO "SEULO"

Na Associação Comercial exhibiram-se ontem novos números com novos artistas que puzeram a nu as vergonhosas manobras dos seus competidores

A deceção dos espectadores — Os fins do espectáculo — Dois artistas que valem por toda a Companhia — Um número aplaudido por uma singular sinfonia de bocejos e pigarreio...

Não teve o interesse que se esperava o que se realizou na Associação Comercial. Pereira da Rosa concluiu a exibição dos seus acrobáticos nómadas. No decorrer do espectáculo inscreveram-se 18 artistas, tudo fazendo prever, por essa razão, que a noite de ontem fosse em cheio.

Mas não. O espectáculo vai perdendo de interesse. O chefe dos três equilibra-se ainda na bamba corda. E equilibrar-se há de tempo, visto os seus contradições não serem tão atrevidos como ele.

Não é outra a razão. Qualquer das partes litigantes não possui autoridade moral para acusar. Todas prevaricaram, todas procederam como vulgares ladrões, com a diferença apenas de quem rouba uma pão é preto e quem rouba uma população tem honrarias.

O trio acrobático representa os desejos dos accionistas do *Século*, que cometem a Pereira da Rosa, Moisés Amzalak e Carlos de Oliveira o encargo de os defendem. Em torno deste trio, quais satélites de um grande planeta, gravitam Alfredo Ferreira, o coxinho Roque da Fonseca, cuja história ainda um dia havemos de contar, e outros cavalheiros do grande comércio e grande roubo.

Há um outro grupo de artistas, representado por Levy Marques da Costa, que combate Pereira da Rosa, não porque ele seja mau, mas porque é sólido por ele não fazer o que é, mas tão sólido por ele não fazer o que é.

Um Jolly leviano...

Do espectáculo de ontem não se saiu com outra conclusão, aliás, já prevista por nós. Quando ralham as comadres as verdades vêm à epiderme!

Mas vamos ao desempenho da Companhia.

A's 21,30 horas nota-se que a assistência deve ser menos numerosa do que nos dias anteriores. Pereira da Rosa, rodeado dos seus páginas, sorri, blagueia com os seus amigos. Confia na vitória.

Sabe que ninguém o correrá do *Século*. Todavia vai chalaceando com

—Está reaberta a sessão!
E logo a seguir:
—Tem a palavra...
A frase não pode completar-se porque uma voz, a de António Bastos, abafou-a:
—Peço a palavra para um requerimento...
Mas o maestro não se atrapalha:
—Tem a palavra o sr. secretário para leitura do expediente.

O secretário leu, entre outras, uma carta do sr. Lopes Jolly, acusado de negociar com *O Século* o silêncio no caso dos açúcares. Jolly declara nesta missiva que procedeu como o acusaram, mas por levandade, querendo, por isso, resgatar-se de um acto impensado.

Da assistência:

—Ah! Ah!

—Que criança tão leviana...

Feita a leitura do expediente o Bastosinho foi autorizado a falar, depois de se discutir se o seu documento era ou não um requerimento, tendo maçado a assembleia com a história monótona de umas frases de Pereira da Rosa sobre a atitude de alguns membros de uma comissão que anda prestando homenagem a um conselheiro, possivelmente de nome Acácio.

Pereira da Rosa deu explicações e tudo acabou como nas comédias—ben.

Um dos espectadores ventrudos:

—Muito bem... Muito bem...

Um "dossiê" e um "relatório", a retalho...

Para a tribuna destinada aos oradores avança agora o presidente da Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, David da Silva. É um cavalheiro atarracado, que se tem sacrificado pelo comércio...

Durante a exibição do seu número a pléia riu a bom rir. Oiga o leitor que também ri:

—Eu quero responder às acusações aqui feitas ao sr. Pereira da Rosa. No "dossiê" que foi presente por aquele homem de bem (textual) provou-se que *O Século* não é da U. I. E...

E logo a seguir:

—No "relatório" lido...

As gargalhadas, esturgem e nós não conseguimos apurar outra coisa que não fosse que houve um "relatório", naturalmente para ralar os filólogos...

O Daviinhoso, porém, não desarma:

—Eu sou um homem de bem. Tenho defendido os interesses de comércio. Sou aacionista da Sociedade Nacional de Tipografia. Lamento que os comerciantes não se entendam como da selagem...

O artista descansa alguns segundos. E depois:

—Nessa sessão, nunca mais me esquece, que assomo de entusiasmo, que fraternidade.

Agora com óculos:

—Nunca tive a veleidade de supor que *O Século* servisse interesses desonestos da sua colectividade...

Perceberam? Nem nós. Mas há melhor:

—Sempre acompanhei de perto o sr. Pereira da Rosa, Carlos de Oliveira e Assis Camilo. A este último vi eu fazer letras para pagar...

E respondendo a um aparte:

—Sim letras e não notas como para as se fizermos.

Comenta-se:

—Letra tem este retalho, mas não nos retalha...

A seguir o Daviinhoso explica que a sua associação não ficou com as 25 acções do *Século*, porque financeiramente estava impossibilitada de o fazer.

Nova frase em resposta à risota dos espectadores:

—Eu sou o cabeça de turco...

—De burro... De burro... E' que é — posta-se.

Agora é a leitura de uma representação que o retalhista impinge aos espectadores, representação em que se reclama do governo a derrogação do decreto sobre tabelamento.

Os apartes sucedem-se durante a leitura. E o Daviinhoso imperturbável:

A boca fugindo para a verdade...

Houve colectividades que quisiram assinar esta representação. Ela é honesta e honra o comércio.

Commentando:

—Nem nós íamos assinar uma coisa que não fosse imprópria...

E muito atrapalhado:

—Perdão! Perdão!... uma coisa que não fosse própria.

A leitura prossegue entre apartes e ironias.

O David teve que concluir:

—Vou terminar. Saídos os actuais dirigentes do *Século* a quem ofereço, em nome da Associação dos Retalhistas, a minha cooperação desonesta...

Honesto é que era de estranhá—diz-se.

Agora vai falar outro satélite de Pereira da Rosa, o impagável Raúl Vieira.

Principiava por saudar aquele menor e pregunta ao presidente:

—Qual é a posição do sr. Levy Marques da Costa nessa assembleia?

Uma nota:

—E' sentadol

O presidente inquire e Levy, levemente, informa:

—Represento a Companhia Portuguesa dos Algodões.

O Vieirinha muito irritado:

—E' inédito, sr. presidente. Uma companhia que nada tem com os interesses do comércio...

Parecia que tinha sido o rastilho, mas não foi. Houve barulheira à farta, mas tudo sossegou porém.

O orador vai sempre vogando nas mesmas águas:

—Isto é uma verdadeira chicana...

Os apartes cada vez são mais violentos.

O presidente com cara de Oliveira:

—A mesa não dá licença para interromper os oradores...

—E' v. ex. é o medium, não é verdade?— pergunta-se.

O Vieirinha destila suor aos litros. Não entanto não treme:

—Eu lamento que se trouxesse para aqui

O Século...

E logo num rasgo oratório:

—Não venho para aqui fazer história da revolução francesa, mas o sr. Levy Marques da Costa não defende os interesses desta casa. Ainda há dias, quando o sr. Pereira da Rosa refutava as suas acusações, ponto por ponto, ele meteu na alzibeira uns documentos de contraditória.

E' obnôxio, mas foi mesmo assim.

Um romance... em cinco actos...

Um espectador:

—Isto é um romance.

—Em cinco actos—responde o Vieirinha.

Risoto geral.

Levy M. da Costa é agora acusado de defender interesses financeiros e não interesses económicos.

—O que ele queria—exclama o Vieira—

era que pegasse a fita dos açúcares... Isto é uma pouca vergonha.

Vozes:

—Não é!... Não é!... Não!...

—E'!... E'!... E'!...

E o Vieira nem pestaneja:

—O açúcar é uma das condições—perdão!—um dos alimentos mais essenciais à vida.

A gargalhada não cessa de ouvir-se:

—Se não me deixam falar eu calço-me—returque Vieirinha. E logo a seguir:

—Eu não estou a defender os meus interesses. Estou a defender os interesses das quais têm fome.

Nova risota e o orador dirige-se ao presidente:

—Senhor presidente, estão a rir-se!

Resposta do presidente:

—A mesa não consente que protestem os trabalhos...

Raúl Vieira, impávido e sereno:

—O sr. Carlos Faro vendeu o jornal *A Opinião*, por 40 contos, à C. I. P. e Colónias.

Terminado o discurso o presidente anuncia:

—Tem a palavra o sr. Marques da Costa.

Este pede escusa, alegando estar cansado de laringe, usando da palavra na próxima sessão.

Muito bem... Muito bem...

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

São Carlos

A ópera de Ponchielli «Giocanda»

E' vergonhoso o que se está passando com a esplêndida companhia de ópera que está representando em São Carlos. A ausência quase completa do público não se justifica, sabido, como está já, a qualidade da maioria dos artistas, a quem tem sido confiada a interpretação das óperas já representadas. Há muitos anos que Lisboa não ouve cantar tão bem *Aida*, *Carmen* e *Giocanda*. E' ainda sob a impressão agradabilíssima que esta última ópera em que não há sombra de favoritismo ou desejo de ser lisongeiro. A inspirada partitura de Ponchielli brilha agora duma forma inesquecível, devido ao belo conjunto que teve e em que tudo esteve à altura dela. O maestro Armani regeu a *Giocanda* com grande elegância, com uma perícia admirável, e para ele vai o nosso primeiro aplauso.

A parte de *Giocanda* é, dentre o antigo repertório italiano, uma das mais difíceis de cantar. Exige uma voz só, de grande intensidade dramática e lírica. A soprano Lombardi, que na *Aida* havia emocionado a assistência, conseguiu agora fazer valer os seus recursos de voz afinalíssima, clara, persuasiva de som. Grande cantora se pode chamar quem, como Lombardi, venceu dificuldades insuperáveis para outros artistas, ainda que de certas aptidões. Não teve uma hesitação, um desfalcamento. Para obre com uma tal artista era necessário encontrar um tenor «de verdade».

Luigi Marinai foi bem o cantor notável que não conhece dificuldades. A sua voz extremamente limpida, tanto nos agudos como nos graves, tem uma excepcional mocidade, a que o timbre quente imprime beleza e lírismo. A ranzana do 2.º acto, no convés do navio, *Cielo e mar*, arrancou estrepitosas ovacões e o público, esquecido até de que tal solo não é suscetível de ser bisado pela sua dificuldade, esteve disposto a praticar essa autêntica barbaridade. Muito bem na cena Ginevra Amato, no papel de *Laura*. Antonietta Toini foi diligente. O barítono Tagliabue, cantou distinadamente a canção da râce, no segundo acto e o baixo Donagio inflexionou e revelou a sua óptima voz no *Alvise*. Muito afinados os coros. Finamente executados os bailados, tanto os da Furlana, como os das Horas.

* * *

A época de São Carlos vai «singrando», com dificuldade, não levando o público em conta a admirável interpretação que as óperas têm tido. O que é para lastimar é o aleitamento criminoso dum público pervertido pelas revoltas e essencialmente lobotomizado.

O dinheiro, no critério desta gente, não se faz para estas manifestações de arte e assim, os que a amam verdadeiramente, não tarde ficarão privados de ouvir ópera, porque, no juizo da democracia da rua dos Capelistas, não houve ainda quem pregasse aos quatro ventos que é «chic» acorrer aos espetáculos de São Carlos. Não há que contestar: vivemos na Europa, mas não sómos europeus...

Nogueira de BRITO

Conquistou um público inteiramente seu, muito seu, o já querido e popularizado teatro Variedades, no Parque Mayer, e a esplêndida Companhia Maria Matos-Mendona de Carvalho. Depois do éxito brilhante da comédia *Era uma vez uma menina...* veio agora a farça de intensa e vibrante gargalhada, *O Pinto Calçudo*, do repertório cómico de Alves da Cunha e Silvestre Alegrim, que, na sua desempenho, são dois azeas da gargalhada, pondo o público em permanentes ondas de riso, a ponto que o seu trabalho formidável de graça e de espírito é já do domínio de toda a cidade.

Hoje, definitivamente, sobe à cena, no Gimnásio, o primeiro original do seu repertório desta época, de Ramada Curto, *O Caso do Dia*, que vai ser interpretada pela eminente actriz Amélia Rey Colaço. *O Caso do Dia* promete ser o acontecimento teatral deste mês em Lisboa, pelo nome do diretor, o tenor Pedro Reis, que é de si bastante satisfeito.

—Almeida Cruz, que é hoje o empresário mais feliz de Lisboa, encontrou para o seu teatro Apolo o filão que há de estender-se por toda a época, fazer o verão e entrar no inverno de 1927 com a opereta *Mouraria*.

—Uma das grandes atrações do *Príncipe Oriolof*, que continua triunfalmente a sua carreira no São Luís, é os belos scénarios de esplêndido efeito pintados por Augusto Pina e Oliveira, Eduardo Reis, filho, e Reinaldo Martins.

—Os que ainda não foram vêr, ao Eden Teatro, a revista *Cabaz de Morango*, e os que, saudosos, querem despedir-se dos seus actuais atrações, estão afilhando as duas sessões daquela peça, que completa esta noite 212 representações.

—Em récita extraordinária, de assinatura impar, canta-se hoje em São Carlos o *Rio-goito*, para estreia da notabilíssima cantora brasileira Bidu Sayão, soprano ligeiro. A seu lado cantarão hoje o admirável tenor Luigi Marinai, o barítono Carlo Tagliabue e o baixo Donaggio. O espetáculo é dedicado à colónia brasileira.

—Os Asunções, que ontém fizeram a sua reaparição, o aeronauta Margutti, com a sua fulminante descesa em paráquedas, e os seus actuais atrações, estão afilhando as duas restantes notabilidades do elenco.

Hoje ha-matiné, às 15 horas, com entrada gratuita as crianças e os idosos.

—Na próxima segunda-feira estreiam-se os aplaudidos clowns portugueses Gordo e Jean e um grande número de romeos selvagens.

—Os Concertos Fão, no Gimnásio, estão dando a nota «chic» das reuniões lisboetas, aos domingos de tarde. Para esta brilhissíma audição já estão à venda os bilhetes.

Grandes coros no próximo concerto Blanch

Foi um completo sucesso a apresentação do grande coral misto num dos anteriores concertos da Orquestra Sinfônica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que causaram fundo entusiasmo, ficando demonstrado que com o tempo e a fidelidade se pode formar um bom coral português, a fim de se poder fazer audições das grandes obras corais e orquestrais que em geral se não conhecem entre nós. Proseguiu-neste propósito, no concerto Blanch do próximo domingo, apresenta-se novamente o coral misto de 90 figuras, organizado e preparado pelo maestro Pedro Freitas Branco com um sensacional programa, executando-se pela 1.ª vez o admirável *Sanctus*, da missa «Bendita voz», do célebre compositor português do século XVI, Duarte Lobo, com coral misto e orquestra, e a pedido, última audição das «Danças guerreiras, do Príncipe Igor», de Borodin, pelo edo misto e orquestra. Executa ainda o coral misto «Sinfonia em mi menor», de Rachmaninoff, o Prelúdio, Coral e Fuga, de Bach, e a «Mignon», de Thomas. Um concerto verdadeiramente sensacional.

* * *

O grande êxito das «Sœurs Waltz»

</

MARCO POSTAL

Odeceixe, — J. Fernandes. — Recebemos carta e 7\$50 para a assinatura de J. Pacheco Pereira, tendo a mesma ficado paga até 7 de Janeiro, p. f., visto a mesma ter começado como pede em 8 do corrente. Seguiram os jornais desde esta data.

Santa Clara-a-Velha, — M. Nobre. — Recebemos 22\$50. Pagou a assinatura desde 8 do corrente até 7 de Março, p. f.

Cano — Jerónimo Maria Richau, — Recebemos vale de 9\$50. Julgamos ser da assinatura da Ass. dos Rurais dessa localidade e referente ao corrente mês. Diga-nos se é assim. Também recebemos um ofício da mesma Associação e sobre o mesmo assunto.

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid, cheque	3501	
Paris, cheque	579	
Suíça	5578,5	
Bruxelas cheque	2374	
New-York	19560	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	388	
Brasil	2535	
Praga	558,5	
Suécia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Perlim,	4567	

TEATROS

São Carlos — A's 21 — *Rigoletto*. Nacional, — A's 21. — *O homem e os seus fantasmas*.

São Luís, — A's 21. — *O Príncipe Orloff*. Gimnásio, — A's 21, 30. — *A Peleira do Gato*. Trindade, — A's 21. — *O Marquez de Villemer*.

Politeama, — A's 21. — *O Inimigo*. Apolo, — A's 20, 30 e 22, 30. — *O Monarca*. Eden, — A's 20, 45 e 22, 45. — *Caixa de Moedas*.

Maria Vitoria, — A's 21, 30 e 22, 30. — *Tarifa I*. Variedades, — A's 20, 30 e 22, 30. — *O Pinto Calçado*.

Coliseu, — A's 21. — Companhia de circo. Salão Foz, — A's 15 e 20, 30. — Variedades.

Avenida Parque, — Diversões.

CINEMAS

Tivoli, — Avenida da Liberdade. — Olimpia, — *Matinées* e *sorrires*. — Salão Central, — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrasse, — Rue António Maria Cardoso. — Cinema Cónedes, — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema, — Rue Francisco Sanches. — Salão Ideal, — Rue do Loreto. — Eden-Cinema, — Rue do Alívio (Alcântara). — Cine Paris, — Rue Ferreira Borges. — Alhambra, — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa, — (Mouraria). — Cine-Esperança, — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo. — Salão da Promotora, — A's 20 horas.

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores | 4.000.000\$00
1.200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 27\$50, cauetas a 6\$00. Pelo correio mais 8\$00.

Pedidos a

Campião & C.
116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, — Preço, 5\$0. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Nostra Social*, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de 5\$0. Pelo correio 5\$0.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmino Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Concluo que aquela exclamação exprimia o espanto e o pavor que causou em Vitória a extraordinária parecença de Oliveiros com o sargento Mauricio. E essa semelhança parece-me beni natural, pois descobri que Oliveiros é irmão do sargento Mauricio.

— Isso é extraordinário; mas como o descobriste tu? — Nós tivemos de trazer para aqui o pobre orfão, desde que o atacou essa anemia que o tornou incapaz, a-pesar-da sua coragem e boa vontade de trabalhar na oficina; pois o pobre rapaz, minado por uma febre violenta, acha-se em tal estado de fraqueza...

— O médico atribui essa doença ao excesso de crescimento; com efeito, Oliveiros ainda apenas tem dezoito anos... tem crescido muito nestes últimos tempos; assim se explica o seu enfraquecimento momentâneo.

— Pois é minha opinião que o médico se engana a respeito da doença do rapaz. E vou dizer-te porquê: ainda há pouco, vindo da oficina, eu atravessava o jardim, quando vi Oliveiros assentado à sombra do carancho, parecendo absorto numa triste meditação; tinha o olhar fixo e o rosto banhado de lágrimas. Ao vêr-me, ele esforçou-se por enxugar furtivamente os olhos. No rosto pintava-se-lhe o sofrimento moral; era fácil de adivinhar que a sua doença não era puramente física. «Oliveiros, lhe disse eu, a causa da sua doença não é a que diz o médico. E' algum grande desgosto... Porque não no-lo diz... Meu marido estima-o como pai; porque lhe não confia os seus pezinhos?... Ele pareceu tão surpreendido como apoquentado com as minhas palavras. As suas respostas embarradas não eram sinceras; atribuía o seu desgosto ao isolamento que vivia, sem família...»

— Admira-me essa resposta de Oliveiros... Tantas vezes nos tem manifestado em termos calorosos o seu reconhecimento pelas nossas bondades!... Nós fazímo-lo esquecer, dizia ele, a sua desgraçada condição de orfão; nunca lhe faltaram os nossos cuidados e desvelos.

— E' claro que ele me dissimulava a verdade, meu

= Usem HERPETOL para as =
= doenças da pele (=

Uma gota desse medicamento apagará o vermelho que compõe a pele. O HERPETOL e a realidade o primeiro medicamento descoberto para as dores da pele, como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, ROSAS, ARDÊNCIA NA PELE, MECEDURAS, DERMATITOS, INSTÂNCIAS, espíos da aplicação, o padecente ve com registo sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre, compra seu demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPÓSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, I.

16-12-1926

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e paixões — Dr. Armando Nogueira, 8 horas. Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 8 horas. Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas. Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas. Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas. Doenças dos ossos — Dr. Mário de Matos — 2 horas. Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas. Enxaquecas e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas. Doencas das crianças — Dr. Emílio Paiva — 2 horas. Análise — Dr. Gabriele Beato — 4 horas.

Analise — Dr. Gabriele Beato — 4 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas. Doenças das crianças — Dr. Filipe Mauro — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roque — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Kidney — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análise — Dr. Gabriele Beato — 4 horas.

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

LEILÃO

Em 20 do corrente, às 12 horas, por intermédio do agente Júlio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 114 da Tarifa Geral, proceder-se-há à venda em hasta pública, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários que, de poderão ainda retirar-las pagando o seu débito à Sociedade "Estoril", para o que deverão dirigir-se à Secretaria, na sua sede, Praça Duque da Terceira, 24, 1.º, todos os dias úteis, até ao dia 18 do corrente.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1926. — O engenheiro-director, M. Bello.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

3 — Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malinhas para sardinhas, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELE. N. 5591

PELARIA CONFIANÇA

3 — Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malinhas para sardinhas, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELE. N. 5591

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3501.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias em administração de *A Batalha*.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

Edições de A SEMELENTEIRA

Práticas neo-malthusianas.

O sentimento em que somos anarquistas

A peste religiosa.

A liberdade.

A internacional (música e letra).

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 8.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5%.

Edições da HERPETOL para as =

= doenças da pele (=

instantâneo, após da aplicação, o padecente ve com registo sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofre, compra seu demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

FRANCISCO LATTÀ

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

16-12-1926

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,

molas e pedras, a preços reduzidos

Pedidos a:

FRANCISCO LATTÀ

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

16-12-1926

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por

33 CENTAVOS POR DIA gara-

nte aos seus, em caso de morte, um capital de

ESC. 5.000\$00 pago imediata-

mente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS

garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-

SAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, seguindo-vos em

16-12-1926

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

16-12-1926

A BATALHA

ASPECTOS SOCIAIS

A LUTA PELA VIDA

Luta pela vida: eis a última palavra da filosofia burguesa, eis a frase ambígua com que a burguesia tenta dar base científica ao seu sistema da sociedade, bem como justificar a sua própria consciência e fazer aceitar pelas massas a sua nomeação.

Vale a pena despedir a este respeito algumas palavras.

E um facto geral e incontestável que cada indivíduo cada espécie animal vive e prospera à custa de outros indivíduos e outras espécies. As necessidades da alimentação do alojamento, assim como as rivalidades suscitadas pelo instinto reprodutor, fazem desde facto, por Darwin chamado a luta pela vida, uma lei inexorável fora da qual parece impossível o desenvolvimento, a existência mesmo do mundo orgânico.

Disto não deriva, porém, a necessidade da luta entre todas as espécies e entre todos os indivíduos da cada espécie. Pelo contrário, observa-se amiúde na natureza a cooperação, a associação para os fins da vida-conservação máxima do indivíduo e reprodução da espécie—entre os vários indivíduos dumha mesma espécie ou até entre espécies diversas. E as mais recentes e autorizadas investigações biológicas tendem a demonstrar cada vez mais que a cooperação (que é afinal a prática do instinto social, desenvolvendo-se também sob o impulso da necessidade e da utilidade verificada) é uma condição de prosperidade e de progresso, para os indivíduos e para a espécie, bem superior à luta insulada de um contra todos.

Em suma, a vida é a resultante dos dois princípios de luta e de cooperação, que de mil modos se entrelaçam, defrontam e completam. E a cooperação representa indubbiamente um estádio mais avançado de evolução, que garante às espécies e aos indivíduos, que o atingiram, um progresso maior e uma superioridade relativa.

O homem saiu do estado de animalidade bruta, de que temos ainda restos nas tribus selvagens, precisamente porque nele se desenvolveram mais fortemente os instintos sociais e porque a associação, para a luta contra as outras espécies animais e contra os elementos hostis da natureza substituiu em maior ou menor proporção a luta intensa entre homem e homem. Mas como a evolução só pode ser gradual e não se podia passar de um salto do insultamento, do egoísmo brutal à solidariedade, assim a associação não foi livre, não foi entre iguais; manifestou-se primordialmente sob forma de opressão, de exploração exercida pelos mais fortes sobre os mais fracos. Foram os fortes que, tendo verificado ser possível tirar maior proveito do outro homem sujeitando-o em vez de o matar, instituiram a escravidão. E assim do egoísmo absoluto, do desejo do proveito, pouco a pouco temperados por aquele prazer da convivência, aquelle sentimento de simpatia, cujo primeiro fundamento se deve provavelmente buscar na atração sexual e nos sentimentos de família, nasceu o primeiro passo que a humanidade deu no caminho da sociabilidade.

Mas o pecado original, o lucro do homem sobre o homem, persistiu; e é ainda hoje a causa da luta aberta ou latente que se trazia no seio da humanidade: constitui, hoje como no passado, o fundo da chamada sociedade.

A opressão e exploração praticadas pelos fortes excitaram naturalmente nos oprimidos a necessidade da revolta, e neste sentimento acha-se novo estímulo, novo fundamento, o princípio de simpatia, de fraternidade, de solidariedade.

Numa palavra, no meio do fervor da luta, entre o contraste dos interesses, e as alternações de vitória e de derrota, puderam desenvolver-se certos sentimentos necessários para se tornar possível a coexistência social, úteis ao mesmo tempo aos oprimidos e aos opressores, os quais, tendo sido a princípio produzidos pela simples verificação da utilidade, fizeram-se depois hábito, necessidade psicológica. E constituem esse fundo comum de sentimentos humanos, que é a mais bela conquista, a característica da humanidade; que a pesar dos obstáculos e das mil razões de ódios, se vai sempre enriquecendo e alargando, e forma a mais

segura garantia da vitória do socialismo, que é a exclusão total do seio da humanidade da luta inter-humana e o triunfo completo da solidariedade.

Os oprimidos insuflados do jugo, os rebeldes de todas as épocas e de todos os países sempre sentiram, mais ou menos conscientemente, esta necessidade de solidariedade, insurgindo-se sempre em nome dum princípio superior de justiça, dum concepção mais larga da solidariedade humana.

Mas este princípio de justiça continuou a ser sempre um desejo abstracto, vago, puramente sentimental; nunca, antes do socialismo, se incarnou numa concepção prática da sociedade, que tornasse verdadeiramente possíveis a justiça e a solidariedade. E por isso as revoluções, mesmo triunfantes, jamais realizaram o sonho de justiça, nem combatentes e, no seu desenvolvimento, voltaram sempre para o ponto de partida, isto é, em direção às instituições derribadas, tornando necessárias novas revoluções.

A burguesia, no seu período heróico, quando ainda se sentia parte do povo e combatia pela emancipação, teve impetos sublimes de amor e de abnegação; e os melhores entre os seus pensadores e os seus mártires tiveram a visão quasi profética desse futuro de paz, de fraternidade, de bem-estar, pelo qual combatem hoje os socialistas. Mas se o altruismo, se a solidariedade existiu no sentimento dos melhores, o caruncho do individualismo (no sentido do indivíduo em luta contra o indivíduo), o princípio da insolidariedade e do proveito do homem sobre o homem estavam no programa burguês e não podiam deixar de produzir os seus maléficos efeitos. A propriedade individual e o princípio de autoridade, sob as novas formas de capitalismo e de parlamentarismo, entravam nesse programa e deviam como sempre conduzir à opressão, à miséria, ao embrutecimento das massas.

E agora que a evolução capitalista e parlamentar produziram os seus frutos, e que a burguesia, esgotada na prática da concorrência económica e política todos os sentimentos generosos e todos os impulsos progressivos, se acha reduzida a defender com a violência e com o engano os seus privilégios, só trazendo a campo, fora de propósito, a lei da concorrência vital que é os seus filhos-sabem, podem defendê-la dos ataques do socialismo.

In sensatis! Se a humanidade houvesse de voltar às suas origens e aceitar o princípio do «cadam um por si», estaria então vencido o socialismo, mas estaria também destruído todo e qualquer vestígio de civilização, entre mortandades e devastações regressáramos ao estado selvagem.

É este regresso seria afinal a consequência última do sistema burguês. Com efeito, se o interesse individual tudo domina, por que razão haveria um de poder esmorecer o próximo servindo-se da sua posição económica, e não haveria outro de poder fazer uso da sua força ou da sua astúcia para matar, para estuprar, para calcar e oprimir a maioria de maneiras a personalidade humana?

É pois que é desde já indubbiável que o regime burguês se esfacela, que as massas estão cansadas e conscientes da sua situação e que um dia ou outro a revolução irromperá em todos os países civilizados, e socialismo, que é o amor e a fraternidade substituindo o ódio e o insultamento, não só liberta e eleva os oprimidos, mas salva e levanta os próprios opressores. Só graças aos objectivos claros e aos generosos sentimentos que éle espalha no meio do povo que a destruição do regime burguês não degenerará em morticínio tão inútil como feroz, não correrá o risco de se transformar num movimento inconsciente e selvagem, inicio dum espantoso regresso.

Sim, insensata na verdade, essa classe que em véspera de ser derribada e vencida apela para os sentimentos selváticos e zomba dessa generosidade, dêsses largo sentimento de solidariedade humana, que há-de ser amanhã a sua condenação como classe, sim, mas há-de ser também a única esperança de salvação pessoal para os seus membros.

Errico MALATESTA

O ROBUSTECIMENTO SINDICAL

Organização operária de Beja vai ressurgir

BEJA, 15.—As classes operárias de Beja estão na firme disposição de levantar, de novo, os seus organismos sindicais, que de há tempos, merecê de várias circunstâncias, se têm conservado numa situação de desântimo que muito as prejudica.

Beja, onde a organização teve, já, uma grande força, tão grande, que todos a temiam e a respeitavam, vai, enfim, sair do marasmo em que se tem conservado, e continuar dispensando o melhor do seu esforço, toda a sua cooperação, à central do operariado.

Deste facto, é prova o entusiasmo e boa vontade com que vários militantes, aproveitando a estada dum representante da C. O. T., naquela cidade, se dispuseram a trabalhar nesse sentido, nomeando, entre si, uma comissão de activos camaradas, na qual ficaram representadas todas as classes, para levar à prática, não só a reabertura da Casa dos Trabalhadores, sede própria, como, também, a reorganização da União dos Sindicatos Operários.

Essa comissão é composta por José Guerreiro Cambado e António Monteiro pelos fabricantes de calçado, Alberto Rosa Lucas, pela Construção Civil, José Ribeiro, pelos Trabalhadores Rurais, Manuel Joaquim Velhinho, pelos Ferrovários do Sul e Sueste (núcleo), e António Balde e José Mendes Lima, pelos Empregados no Comércio.

Conta esta comissão fazer, brevemente, a reabertura da Casa dos Trabalhadores, promovendo uma sessão solene, onde será representada a C. G. T.

Oxalá estes camaradas vejam coroadas de êxito as suas diligências, para bem da organização operária, que tanto necessita dos esforços de todos os sinceros camaradas.—Especial.

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE —

Luta de classes

O movimento dos operários da Litografia Sousa & Filho

PORTO, 15.—Há precisamente onze semanas que os operários litográficos da firma Inácio de Sousa & Filho, iniciaram o seu movimento, pugnando, com a mais indiscutível justiça, pela equiparação de salários.

A-pesar de tão longo tempo de luta, esta vem-se mantendo com uma altivez e uma solidariedade inquebrantáveis, merecendo da parte das demais classes operárias organizadas, um acrólito carinho e uma atenção justificada.

E' certo que os movimentos de reivindicação em que a classe litográfica do Pôrto se tem, por vezes, envolvido, são de longa duração, porém, tudo leva a crer que o actual movimento de equiparação de salários sera de duração iminável.

Por aqui se aquilata a tempera da grande maioria dos industriais de litografia, espíritos retrógrados e mesquinhos e characteres reactionários e amoldados à desfazete.

Todos os operários litográficos se preparam para a luta, cônscios do seu prolongamento, tendo já a associação de classe tornado interdita aquela oficina. Todos os litógrafos do país estão no facto desta resolução.

Elevado número de grevistas se tem colocado em outras oficinas por alguns dos quais muitos suspiravam os srs. Sousas, tendo sido feitas inúmeras tentativas por intermediários daqueles exemplares benfeiteiros.

O que se acha em luta está a receber o subsídio de três dias semanais.

Dura esta greve há 11 semanas, e, até hoje, têm sido distribuídos subsídios na importância aproximada de 17.000\$00.

O inegável gesto de solidariedade mantido, sem desfaçamentos, por parte dos litógrafos que trabalham, retirando dos seus salários um dia por semana, demonstra claramente quanto consciente união anima todos os componentes da indústria litográfica do Pôrto. Podem os srs. Sousas persistirem na sua malévola estupidez, que a classe dos litógrafos compreende bem qual o caminho que tem a seguir.

Na oficina apenas, fazendo dela albergue, trabalham o Delié Fernandes, um autêntico vigarista, vindos de Lisboa para traçar o movimento, e o Damião Gamelas, traídos de inde. Com alguns auxiliares—um chapéu, um encadernador, etc.—aqueles tarautos procurando ser agradáveis aos seus senhores e donos, julgam fazer perder um movimento que está entraízado em todos os litógrafos da pais.

Patifes de tal jaez, só o desprezo merecem. O Delié Fernandes, encarcerado na Bastilha de Malmerendas, servido do Damião Gamelas, para suprir certas necessidades, e consta que este caso se dá, vice-versa.—E.

Os Manufactores de Calçado e a baixa de salários

Pretender reduzir os salários precisamente na ocasião em que os preços dos géneros necessários à manutenção da vida sofrem elevação no seu custo, representa, além dum flagrante absurdo, um enorme escarnio que se atira à face dos trabalhadores.

E' o que está sucedendo neste momento com os fabricantes de calçado.

Animados dum forte espírito de oposição ao legítimos interesses da classe, os senhores obreiros pretendem—alguns já o conseguem—efectivar uma redução dos preços de mão de obra estabelecidos na tabela de 1924 imposta e conquistada pela Associação.

Os factos que elas apresentam, e pelos quais pretendem justificar a sua intenção, são de sua exclusiva responsabilidade, quer terão sido portanto derididos entre si e nunca solucionados, à custa dum maior mistério dos fabricantes de calçado.

E necessário poio que todos os fabricantes de calçado, ameaçados por tão criminosos exploradores se competem entre si.

Ela é tanto mais grave quanto é certo que, além das consequências imediatas que determina, a perigosa repercussão que inevitavelmente terá no futuro, que estabelece uma dolorosa expectativa de pior e mais complicada situação económica.

O ataque à tabela que os obreiros estão efectuando só tem explicação pelo enorme desejo que os anima de estabelecerem o princípio de que a mão de obra seja paga segundo a sua vontade, de maneira a melhorar um movimento inconsciente e selvagem, inicio dum espantoso regresso.

Sim, insensata na verdade, essa classe que em véspera de ser derribada e vencida apela para os sentimentos selváticos e zomba dessa generosidade, dêsses largo sentimento de solidariedade humana, que há-de ser amanhã a sua condenação como classe, sim, mas há-de ser também a única esperança de salvação pessoal para os seus membros.

Errico MALATESTA

FESTAS ASSOCIAТИVAS

Corticeiros de Lisboa

Promovido pela Direcção dos Corticeiros de Lisboa, realiza-se no próximo domingo, às 14 horas, uma sessão solene para a inauguração da nova bandeira sindical. Farão uso da palavra representantes dos seguintes organismos: Confederação Geral do Trabalho, Federação Corticeira Nacional, Corticeiros de Belém, Empregados no Comércio, Taneiros de Lisboa, Metalúrgicos do Poço do Bispo, Construção Civil de Beato e Olivais, Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885, Grupo Estrela de Alva e outras.

CONFERÊNCIAS

“O trabalho e a vida”

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do sindicato da Construção Civil, calçada do Combro, 38-A, 2º, onde também está instalada uma secção da Universidade Popular Portuguesa, a conferência do dr. João Camoes, sob o tema “O trabalho e a vida”, sendo a primeira da série de conferências sobre a “Fisiologia do Trabalho”. A comissão escolar do S. U. Construção Civil convida o proletariado e o público em geral a assisti-lhe.

José Francisco MOEDAS

Sindicato dos Profissionais na Imprensa

Realiza-se hoje, a anunciada conferência do nosso camarada Artur Portela. O trabalho desse jornalista está despertando vivo interesse, esperando-se por esse facto grande concorrência às salas do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, na rua da Loreto, 13, 2º. A conferência terá inicio às 21 horas, sendo a entrada pública.

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE —

Os espectáculos da Associação Comercial valem por todo o ataque à sociedade burguesa.



ACTIVIDADE SINDICAL

O movimento internacional do operariado da construção civil

Relatório do delegado da Federação Portuguesa que foi a Lyon participar de várias reuniões importantes

A's Federações da Construção Civil de Alemanha e Holanda foi-lhes dada pela A. I. T. a incumbência de se constituirm em comissão organizadora dumha conferência internacional pró-constituição da respectiva Federação da C. Civil. A Federação da C. Civil de Portugal, ao receber o convite para tomar parte nos trabalhos da referida conferência, resolveu, cumprindo as resoluções do seu ultimo congresso, dar a sua adesão a tão importante iniciativa; mas, devido a dificuldades financeiras, era-lhe impossível o envio de um delegado; porém, passados dias, recebeu-se o seguinte ofício da Federação da Construção Civil de França:

“Fédération National des Travailleurs de L'Industrie du Bâtiment et des Travaux Publics de France & des Colonies. — A' Federação da Construção Civil de Portugal.

“O nosso congresso realizar-se-há em Lyon, e a ele aderiram 80 sindicatos, mas o que mais importa é que nós temos em nosso poder os arquivos da velha Federação da Construção que tem sido sempre a quem defendido o sindicalismo revolucionário em perigo contra todos os partidos políticos, e isto porque actualmente as duas C. G. T. tentam impor a sua corrente de ideias ao sindicalismo português.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos os nossos camaradas que pensam da mesma forma, e que nos podem auxiliar com a sua ação a mantermos um belar que conserva os nossos principios que condizem com a classe trabalhadora à sua emancipação.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos os nossos camaradas que pensam da mesma forma, e que nos podem auxiliar com a sua ação a mantermos um belar que conserva os nossos principios que condizem com a classe trabalhadora à sua emancipação.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos os nossos camaradas que pensam da mesma forma, e que nos podem auxiliar com a sua ação a mantermos um belar que conserva os nossos principios que condizem com a classe trabalhadora à sua emancipação.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos os nossos camaradas que pensam da mesma forma, e que nos podem auxiliar com a sua ação a mantermos um belar que conserva os nossos principios que condizem com a classe trabalhadora à sua emancipação.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos os nossos camaradas que pensam da mesma forma, e que nos podem auxiliar com a sua ação a mantermos um belar que conserva os nossos principios que condizem com a classe trabalhadora à sua emancipação.

“Somos uma grande parte de camaradas sindicalistas revolucionários e não queremos entregar o sindicalismo aos políticos, e é por isso que apelamos no ponto de vista internacional para todos